



CCAS analisa o aumento da mortalidade infantil em Campinas

Estudo realizado pelo Centro Colaborador em Análise de Situação de Saúde (CCAS) do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp aponta um aumento de 32,6% na mortalidade infantil em Campinas entre 2008 e 2009. Em 2008, o índice era de 8,5 óbitos para cada mil crianças nascidas vivas e, em 2009, aumentou para 11,3. A pesquisa mapeou os períodos neonatais precoce, tardio e pós-neonatal e identificou um aumento de 54% na mortalidade infantil nos períodos neonatal tardio (entre o sétimo e vigésimo oitavo dia de vida) e pós-neonatal (do vigésimo oitavo dia de vida até um ano). No período neonatal precoce, o aumento entre esses dois anos foi de apenas 13,4%. Em relação à média desse índice entre 2000 e 2007, o valor de 2009 foi até menor. Os dados coletados fazem parte do Boletim nº 45 publicado pelo CCAS em parceria com a Secretaria de Saúde de Campinas.

Estes dados permitem refutar a hipótese de que o aumento da mortalidade infantil entre 2008 e 2009 estaria concentrado na primeira semana de vida. A análise segundo o peso ao nascer revelou que o aumento não resultou da maior proporção de recém-nascidos de muito baixo peso. “Observamos que a mortalidade no período neonatal precoce não teve grande impacto no aumento da mortalidade infantil. O problema está na neonatal tardia e na pós-neonatal. As principais causas de morte verificadas nesses períodos foram afecções perinatais, anomalias congênitas e causas externas, dentre estas últimas as mortes por acidente de trânsito e por aspiração”, explicou a médica epidemiologista e coordenadora da CCAS, Marilisa Berti A. Barros.

As afecções perinatais e as anomalias congênitas afetam as crianças logo após o nascimento, mas cuidados intensivos e adequados propiciados por avanços tecnológicos podem levar ao aumento da sobrevivência, porém, algumas dessas crianças acabam morrendo posteriormente. Os acidentes de trânsito e as mortes por aspiração remetem à questão dos cuidados que as crianças estão recebendo. A mortalidade em Campinas começou a aumentar em maio de 2009, sendo que a maior parte das crianças que

vieram a falecer não chegaram a sair do hospital após o nascimento. “É preciso avaliar as condições dos hospitais da Rede de Campinas no sentido de verificar condições que pudessem ter contribuído para esse aumento, para identificar, corrigir e evitar que aumentos da mortalidade infantil voltem a acontecer”, comentou Marilisa.

Outros dados apontados pelo Boletim quanto à mortalidade infantil dizem respeito ao nível socioeconômico da população e regiões de Campinas. No distrito Leste, que é o de melhor nível socioeconômico de Campinas, a mortalidade infantil continuou caindo em 2009. Nos outros distritos ocorreu um aumento, mas o que apresentou maior incremento foi o distrito Noroeste que concentra um percentual elevado da população socialmente carente de Campinas. Em outra análise, a cidade foi dividida em três áreas de acordo com o nível socioeconômico dos chefes de domicílio. A tendência da mortalidade infantil foi decrescente nas áreas com melhor nível socioeconômico. O aumento que aconteceu em 2009 ficou restrito ao setor mais carente da população que depende mais do atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS).

“Este é um tema sensível. Nós gostaríamos de ver as taxas de mortalidade, em especial a infantil, sempre declinando. Vale lembrar que nenhum país do mundo conseguiu ‘zerar’ a taxa de mortalidade infantil. As taxas mais baixas oscilam de 2,6 a 7 por mil nascimentos vivos. Há uma tendência equivocada de alguns municípios pretendem zerar a sua mortalidade infantil. O menor número de nascimentos que ocorre em municípios de pequeno porte, bem como a migração de óbitos para outros municípios em busca de atenção médica podem gerar essa expectativa. A importância de se monitorar os indicadores de saúde é, justamente, propiciar informações para intervenções onde e quando forem necessárias com o propósito de melhorar cada vez mais o atendimento à população”, concluiu Marilisa.

Edimilson Montalti

ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS
FCM, UNICAMP

NESTA EDIÇÃO:
CCAS analisa o aumento da mortalidade infantil em Campinas

VEJA TAMBÉM:
Estudo aponta tendência de queda na infecção pela hepatite B no Brasil

Pesquisas da FCM ganham prêmios em congressos

Hugo Sabatino, Gastão Wagner e Aarão Mendes recebem prêmios e homenagens

Estudo aponta tendência de queda na infecção pela hepatite B no Brasil

Estudo realizado na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp demonstra tendência de queda na infecção pelo vírus da hepatite B no Brasil a partir de 2007. Os dados foram apresentados na IX Semana Brasileira do Aparelho Digestivo realizada no final de novembro em Florianópolis, Santa Catarina, e fazem parte do trabalho "Análise do impacto da vacinação contra hepatite B no número de casos confirmados no Brasil durante o período de 1996 a 2009", do médico residente em gastroenterologia clínica do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp, Thiago Nunes Santos.

O objetivo do estudo foi avaliar o impacto da vacina contra hepatite B no número de casos confirmados após o início do programa brasileiro de imunização. O pesquisador utilizou dados disponíveis na base de dados do Ministério da Saúde. Foi analisado o número de casos confirmados de hepatite B por meio da detecção de marcadores sorológicos, incluindo as formas agudas e crônicas, durante o período de 1996 a 2009.

A pesquisa, inédita no Brasil, rendeu a Thiago o segundo lugar do prêmio Jovem Gastro. O prêmio foi criado pela Federação Brasileira de Gastroenterologia como incentivo à pesquisa e à integração de jovens residentes em gastroenterologia clínica e cirúrgica. A orientação do trabalho foi dos professores e médicos gastroenterologistas do Departamento de Clínica Médica da FCM, José Murilo R. Zeitune e Elza Cotrim Soares. Para a realização do estudo, Thiago contou com a participação de Luciano Freiburger e Júlia Cardoso Vaz Dias, também médicos residentes da gastroenterologia clínica do HC da Unicamp.

A hepatite B é um problema de saúde pública no Brasil e no mundo. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que cerca de dois bilhões de pessoas já tiveram contato com o vírus da hepatite B (VHB), dos quais 350 milhões estão cronicamente infectados. No Brasil, estima-se que pelo menos 15% da população já teve contato com o vírus da hepatite B e que 1% da população apresenta formas crônicas. O vírus da hepatite B é transmitido por via percutânea ou por exposição de mucosas a sangue ou líquidos biológicos altamente infectantes. A hepatite B pode levar a alterações no fígado, sendo a mais grave, o câncer.

Desde 1998, o Programa Nacional de Imunizações, do Ministério da Saúde, recomenda a vacinação das crianças menores de um ano contra hepatite B. A partir de 2001, a vacinação foi ampliada até os 19 anos e, atualmente, iniciou-se a imunização também para os adultos pertencentes aos grupos de risco, como portadores do vírus HIV, pacientes hepatopáticos ou em hemodiálise. A vacina tem cobertura de 90% a 95% dos casos e são necessárias três doses para a imunização.

O objetivo do estudo foi avaliar o impacto da vacina contra hepatite B no número de casos confirmados após o início do programa brasileiro de imunização. O

pesquisador utilizou dados disponíveis na base de dados do Ministério da Saúde. Foi analisado o número de casos confirmados de hepatite B por meio da detecção de marcadores sorológicos, incluindo as formas agudas e crônicas, durante o período de 1996 a 2009. Com estes dados, o autor calculou a incidência anual dos casos confirmados de hepatite B por 100 mil habitantes em cada região brasileira, na população total, nas faixas etárias de zero a 19 anos e em menores de um ano. Posteriormente, o pesquisador avaliou a cobertura da vacina contra hepatite B durante os mesmos períodos anteriores.

“Com a obrigatoriedade da notificação pelos hospitais dos casos de hepatite B a partir de 2003, observamos um aumento de casos de infecção, assim como o aumento das imunizações. Constatamos uma tendência de queda da hepatite B na faixa etária de 0 a 19 anos a partir de 2007 em todo o país. Na faixa etária de menores de um ano, notamos também tendência de queda nas regiões Centro-Oeste, Sul e Nordeste”, disse o médico residente Thiago, que afirmou ser necessário avaliar um período maior do impacto da vacinação na redução da hepatite B em todo o Brasil.

Para o professor José Murilo R. Zeitune, até hoje a vacina não teve impacto expressivo na incidência da doença, porém ele acredita que, no futuro, trará uma economia enorme ao país. “Quando você vacina as crianças contra a poliomielite, o resultado aparece rápido. No caso da hepatite B, demora um pouco mais. Precisamos também considerar este aspecto para termos certeza do impacto da vacinação em toda a população”, explicou Zeitune.

Os dados serão publicados em revista especializada e serão noticiados nos órgãos de divulgação da Federação Brasileira de Gastroenterologia.

Edimilson Montalti

ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS
FCM, UNICAMP

Pesquisa da FCM ganha prêmio em congresso com estudo sobre a ativação plaquetária em dislipidemias

O trabalho “Avaliação de plaquetas reticuladas e ativadas em pacientes dislipidêmicos” da aluna de mestrado Patricia Lima dos Santos ficou entre os dez melhores trabalhos apresentados no “*First European Joint Congress of European Federation of Clinical Chemistry (EFCC) and European Union of Medical Specialists (UEMS)*” e 1º Congresso Nacional do Laboratório Clínico ocorrido em Lisboa, Portugal, no ano passado. O estudo concorreu com outros 200 trabalhos do mundo. Para a premiação, foram avaliadas a apresentação oral e gráfica do pôster e a qualidade científica do estudo. A apresentação do trabalho foi feita pela orientadora da tese, a professora Helena Zerlotti Wolf Grotto, do Departamento de Patologia Clínica da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. A pesquisa foi realizada com 100 pacientes com dislipidemias (níveis elevados de gordura no sangue) atendidos no Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp e contou com o apoio de pesquisadores do Laboratório de Marcadores Celulares e Citologia do Hemocentro da Unicamp.

As plaquetas são ativadas em uma variedade de doenças inflamatórias. Plaquetas ativadas (PA) expressam receptores para proteínas adesivas e liberam citocinas grupo de moléculas envolvidas na emissão de sinais entre as células durante o desencadeamento das respostas imune e inflamatória. As plaquetas reticuladas (PR) são plaquetas jovens e servem de marcadores da produção das plaquetas pela medula. São mais ativas do que as plaquetas maduras. As lesões ateroscleróticas são reconhecidas como uma forma de inflamação crônica. O objetivo do estudo foi avaliar se, em pacientes com níveis elevados de lípidos,

há uma ativação maior das plaquetas, quando comparados com pacientes normais, o que poderia contribuir para a formação da lesão aterosclerótica.

“As plaquetas, embora sejam mais conhecidas pelo seu papel na formação do coágulo, são muito importantes durante o processo inflamatório. Pelo resultado do estudo, observamos que tanto as plaquetas maduras como as reticuladas estão mais ativadas nos grupos de pacientes com colesterol e triglicérides elevados quando comparados com pacientes normais, o que deve contribuir para a formação da placa aterosclerótica e consequente obstrução dos vasos, o que aumenta o risco cardíaco”, comentou Helena.

O estudo também comparou o grau de ativação dessas plaquetas entre as diferentes formas de dislipidemias, porém não houve alterações significativas entre os grupos, o que sugere que as alterações plaquetárias acontecem independentemente do tipo de alteração lipêmica que os indivíduos apresentam.

O objetivo do estudo foi avaliar se, em pacientes com níveis elevados de lípidos, há uma ativação maior das plaquetas, quando comparados com pacientes normais, o que poderia contribuir para a formação da lesão aterosclerótica.



PROFESSORA HELENA Z. W. GROTTTO DO DEPARTAMENTO DE PATOLOGIA CLÍNICA

ARPI/FCM

Edimilson Montalti
ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS
FCM, UNICAMP

Pesquisa sobre halitose é premiada na Itália. Prêmio é dedicado ao físico Jorge Nicola

A tonsilite crônica caseosa (TCC) é patologia comum onde cerca de 77% pacientes queixam-se de halitose. Foram avaliados 41 pacientes, sendo 15 homens e 26 mulheres. (...) Este prêmio é dedicado ao professor Jorge Nicola, um dos responsáveis pela implantação da Unidade Multidisciplinar de Medicina Laser do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp.

O trabalho “Tratamento da halitose em pacientes com tonsilite crônica caseosa usando laser de CO₂ para criptólise por coagulação” da cirurgiã-dentista Ana Cristina Dal Rio recebeu o prêmio de melhor trabalho, na categoria pôster, da Academia Internacional de Medicina e Cirurgia e Laser e do 24º Congresso Internacional de Medicina Laser, ocorrido no mês de novembro de 2010 em Florença, Itália. O trabalho foi desenvolvido sob orientação da professora e médica otorrinolaringologista Ester Nicola, coordenadora da Unidade Multidisciplinar de Medicina Laser do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp. O prêmio foi entregue na Academia Italiana de Letras.

“Este prêmio é dedicado ao professor Jorge Nicola, um dos responsáveis pela implantação da Unidade Multidisciplinar de Medicina Laser do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp. Nos orgulhamos de fazer parte da “família laser”, disse Ana Cristina.

A tonsilite crônica caseosa (TCC) é patologia comum onde cerca de 77% pacientes queixam-se de halitose. O tratamento da TCC por criptólise a laser de CO₂ é uma terapia recente, conservadora e bem tolerada. A halitometria é a medida da halitose através do halímetro, aparelho que mede em partes por bilhão os compostos sulfurados voláteis presentes no ar expirado. Foram avaliados 41 pacientes, sendo 15 homens e 26 mulheres. A média de idade foi de 26 anos. As halitometrias foram realizadas antes de cada sessão de laser e seguiram as instruções do fabricante do aparelho halímetro. A técnica do laser consistiu em média de quatro aplicações de laser de CO₂, com intervalo de quatro semanas entre cada sessão.

Para o estudo, os pacientes foram divididos em dois grupos: um grupo com halitometria alterada e outro grupo com halitometria normal. Em ambos os grupos foi avaliada a presença do cáseo no momento da halitometria.

A halitometria dos compostos sulfurados voláteis é útil para detectar a halitose dos pacientes com tonsilite crônica caseosa e a presença do cáseo ao exame físico é um fator de halitometria alterada. O tratamento com laser de CO₂ foi bem tolerado por todos os pacientes. Todos relataram melhora da halitose após o tratamento com laser de CO₂ e esta melhora está relacionada com a diminuição da formação e retenção de cáseo pelo efeito de abertura das criptas com o laser.

Além do trabalho premiado, a Unidade Multidisciplinar de Medicina Laser do HC e o Laboratório Laser do Núcleo de Medicina e Cirurgia Experimental da FCM apresentaram dez trabalhos no congresso, sendo duas palestras convidadas, seis pôsteres e duas apresentações orais. Para a participação no Congresso, os autores contaram com auxílio financeiro da AFPU e do FAEPEX da Unicamp.

Jorge Nicola foi um renomado físico da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atuou como assessor de direção do CENPRA, como diretor superintendente da CIATEC, no Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro) e no Ministério da Ciência e Tecnologia. Fez parte da história do laser no Brasil, desenvolvendo, em 1980, o primeiro laser médico de dióxido de carbono no Laboratório do Grupo de Desenvolvimento e Aplicação do Laser (GDAL) no Instituto de Física (IF) da Unicamp. Foi também responsável, juntamente com a médica otorrinolaringologista Ester Nicola, pela implantação da Unidade Multidisciplinar de Medicina Laser do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp, em 1989, a qual vem, desde então, beneficiando os diversos segmentos do sistema de saúde e a comunidade acadêmica e científica.

Edimilson Montalti
ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS
FCM, UNICAMP

Associação entre variações genéticas e risco de câncer de garganta é tema de pesquisa premiada em congresso

O trabalho “Avaliação dos polimorfismos SLC23A2 e Kras-LCS6 entre portadores de carcinoma de células escamosas de orofaringe” da mestrandia Marília Bueno Santiago do Departamento de Genética Médica da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, foi premiado em primeiro lugar na categoria apresentação oral durante o 1º Congresso de Biomedicina de Santa Catarina, realizado no final de novembro na faculdade Uniasselvi, em Blumenau, Santa Catarina. O objetivo do estudo foi avaliar a prevalência desses polimorfismos em pacientes atendidos no ambulatório de oncologia do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp, verificando associação com dados clínicos. A orientação da pesquisa é da geneticista Carmen Silvia Bertuzzo.

O câncer é um dos problemas mais comuns da medicina atualmente, com cerca de 481 mil novos casos por ano, atingindo mais de um terço da população. O câncer de cabeça e pescoço é representado, em sua maioria, por alterações celulares epiteliais do tipo carcinoma espinocelular (CEC) que acometem as vias superiores aero digestivas. Esses tumores são bastante agressivos. A grande maioria dos casos é representada por herança genética multifatorial. O câncer de orofaringe tem origem na região das amígdalas, base da língua, parede posterior da faringe, palato mole ou vulva e as principais queixas dos pacientes são a dor no local, a dor de ouvido e o aumento do volume dos linfonodos cervicais.

O estudo de Marília associa o carcinoma espinocelular a alguns polimorfismos, como o Kras-LCS6, que reduz significativamente o tempo de vida em pacientes com tumores de cabeça e

pescoço; esta variante pode alterar a característica genética ou resposta terapêutica da doença. Outro polimorfismo estudado pela pesquisadora foi o SLC23A2, associado ao transporte da vitamina C presente em frutas cítricas, que pode alterar o risco de câncer de cabeça e pescoço em portadores do vírus HPV16 humano. A associação de ambos parece aumentar o risco de câncer de cabeça e pescoço, já que portadores do vírus tem um risco aumentado de desenvolver este tipo de tumor.

A pesquisadora utilizou um estudo prospectivo experimental onde foi utilizado o método de reação em cadeia de polimerase (PCR) associado à digestão enzimática onde foram avaliados, até o momento, 74 pacientes com relação a presença do alelo G ou T. Dos pacientes já avaliados, 82,4% apresentaram o genótipo TT, 14,8% o genótipo GT e 2,7% o genótipo GG. A pesquisadora encontrou até o momento uma alta frequência do alelo T em comparação ao alelo G. “Pretendemos avaliar 200 pacientes e compará-los com amostras da população e com os dados clínicos para confirmarmos a existência dos polimorfismos. No caso do polimorfismo SLC23A2, em um primeiro momento, iremos verificar a associação dos genótipos com a doença e, posteriormente, faremos uma análise comparativa entre este polimorfismo e a presença do vírus HPV16 humano. Os estudos serão concluídos em julho de 2011”, disse Marília.

O câncer de cabeça e pescoço é representado, em sua maioria, por alterações celulares epiteliais do tipo carcinoma espinocelular (CEC) que acometem as vias superiores aerodigestivas. Esses tumores são bastante agressivos. A grande maioria dos casos é representada por herança genética multifatorial.

Edimilson Montalti

ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS
FCM, UNICAMP

Hugo Sabatino recebe homenagem do Ministério da Saúde

Sabatino foi o principal idealizador da criação da Rede pela Humanização do Nascimento (Rehuna), em Campinas, em 1993, no I Encontro de Parto Humanizado (Enparh). O encontro inicial reuniu 33 pessoas, vindas de várias regiões do Brasil e comprometidas com ações na área. No último encontro internacional, reuniu cinco mil participantes.

Como reconhecimento por seu trabalho em prol da humanização do parto, Hugo Sabatino, professor da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) e médico do Hospital da Mulher José Aristodemo Pinotti Caism/Unicamp recebeu em Brasília uma homenagem, em forma de diploma, do ministro da Saúde, José Gomes Temporão. A premiação foi entregue durante a III Conferência Internacional sobre Humanização do Parto e Nascimento, realizada no final de novembro de 2010.

Sabatino foi o principal idealizador da criação da Rede pela Humanização do Nascimento (Rehuna), em Campinas, em 1993, no I Encontro de Parto Humanizado (Enparh). O encontro inicial reuniu 33 pessoas, vindas de várias regiões do Brasil e comprometidas com ações na área. O objetivo foi juntar forças para trabalhar pela humanização do parto e nascimento no país. Como resultado das atividades dos participantes foi divulgado um manifesto.

“Nós criamos a Carta de Campinas. Isso teve uma repercussão muito grande e os participantes que representavam o país começaram a trabalhar pela humanização”, recordou Sabatino.

A atuação do professor, porém, começava 13 anos antes, quando Jailson Sanches, aluno de medicina da Unicamp e sua esposa Rubia Mitiko Fuquda, ao final da gravidez, procuraram Sabatino para que seu parto fosse natural, sem anestesia e em posição de cócoras. O casal construiu uma cadeira para facilitar a realização do parto nessa posição. Para atender à solicitação foi estabelecida a apresentação de um projeto de pesquisa na Faculdade e determinado que a cadeira deveria ser doada para que outras mulheres pudessem ter seus partos na posição vertical e desta forma contribuir com a pesquisa. O projeto foi aceito pelo professor José Aristodemo Pinotti que, na época, era chefe do Departamento de Tocoginecologia da FCM e que funcionava nas

dependências da Santa Casa de Misericórdia de Campinas.

Como o método mostrou-se satisfatório, Sabatino passou a incentivá-lo e com a união de outras pessoas, foi criado o Grupo de Parto Alternativo (GPA), ligado ao Departamento de Tocoginecologia. Entre os objetivos estavam a preparação do casal, o incentivo à presença de um acompanhante na hora do parto e ao respeito dos processos fisiológicos do nascimento, além de estímulo ao fortalecimento da relação entre mãe e filho, por meio do contato pele a pele imediato e do aleitamento materno.

Para que o método tivesse comprovação científica, o professor Sabatino e pesquisadoras da Unicamp empreenderam estudos para demonstrar sua eficácia. E seis anos depois do primeiro parto realizado nesta posição, o médico criou outra cadeira de parto, produzida com material de fibra de vidro. Somente nesta cadeira, cuja patente foi doada à Universidade, já foram realizados mais de 2.500 partos.

Com a criação da Rehuna, os ideais defendidos pelo grupo puderam ser divulgados com maior amplitude pelos participantes. A rede, que hoje é coordenada pelo médico Marcos Leite dos Santos, reuniu cinco mil participantes em sua terceira conferência internacional. Ao longo de quase 20 anos tem conseguido cumprir metas arroladas na Carta de Campinas como a divulgação e implantação de métodos de parto humanizado e o resgate do momento do nascimento como evento de profundas consequências para mães e filhos. “A homenagem, recebida em Brasília, foi um agradecimento a esta iniciativa”, realçou Sabatino.

Talita Matias

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA
UNICAMP

Gastão Wagner recebe medalha de comendador por serviços prestados à saúde

Gastão Wagner de Sousa Campos, professor do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp recebeu, no dia 24 de novembro de 2010, em Brasília (DF), a medalha da Ordem do Mérito Médico na classe Comendador pelos relevantes serviços prestados à saúde pública brasileira. A entrega da medalha foi feita pelo ministro da Saúde, José Gomes Temporão, durante a abertura da 10ª Mostra Nacional de Experiências Bem Sucedidas em Epidemiologia, Prevenção e Controle de Doenças (EXPOEPI) na Sala Brasil, Piso Superior, do Centro de Convenções e Eventos Brasil 21, localizado no SHS, Quadra 6, Lt. 1, Conjunto A, em Brasília, DF.

A Ordem do Mérito Médico foi criada em 1950, pelo presidente Eurico Gaspar Dutra e modificada por decretos posteriores. Ela se destina “a médicos nacionais e estrangeiros que houverem prestado serviços notáveis ao país ou que se hajam distinguido no exercício da profissão ou no magistério de medicina ou sejam, autores de obras relevantes para os estudos médicos”. É concedida nos graus de cavaleiro, comendador, grande oficial e grã-cruz.

A comenda surgiu na Idade Média como um benefício dado a membros do clero ou a militares que demonstravam valentia em batalhas. Hoje, ela é uma condecoração concedida a pessoas que se destacam em suas áreas de atuação, desde artistas, políticos e empresários até esportistas. O título sobrevive no cerimonial de governos e instituições privadas, e seguem uma hierarquia de acordo com a importância do homenageado. O menor grau é cavaleiro, seguido de oficial, comendador, grande oficial, grã-cruz e, quando existe, grã-colar.

Em 2009, Gastão recebeu a medalha de mérito Oswaldo Cruz. A medalha de mérito Oswaldo Cruz foi criada em 1970 no Governo Médici. A medalha se destina a galardoar pessoas nacionais e estrangeiras que, no campo das atividades científicas, educacionais, culturais e administrativas relacionadas com a

higiene e a saúde pública em geral, hajam se distinguido de forma notável ou relevante, e tenham contribuído, direta ou indiretamente, para o bem-estar físico e mental da coletividade brasileira.

Gastão já ficou surpreso ano passado ao receber a medalha de mérito Oswaldo Cruz pelo trabalho como sanitarista e não esperava receber o da ordem médica. Ele não esconde a satisfação por receber a medalha de comendador pelo reconhecimento de seu trabalho em relação à assistência, à organização do Sistema Único de Saúde, à saúde da família e outros trabalhos desempenhados. “Essa medalha tem o sentido da contribuição à medicina a partir da saúde pública e dá um brilho ao currículo”, comentou Gastão, que divide a premiação, este ano, com Adib Jatene, Ivo Pitanguy, Mário Testa e Luiz Roberto Barradas Barata, em homenagem póstuma, entre outros condecorados.

Gastão Wagner de Sousa Campos possui graduação em medicina pela Universidade de Brasília (1975), especialização em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1977) e residência médica pelo Hospital das Forças Armadas em Brasília (1977); especialização em Planejamento do Seto pela Universidade de São Paulo (1978); mestrado em medicina preventiva pela Universidade de São Paulo (1986); doutorado em saúde coletiva pela Universidade Estadual de Campinas (1991). Atualmente, é professor titular da Universidade Estadual de Campinas, membro de corpo editorial da “Trabalho, Educação e Saúde” e membro de corpo editorial da “Revista Ciência & Saúde Coletiva”. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Pública. Atua, principalmente, nos seguintes temas: antitaylor, democracia em instituições e gestão de instituições.

A Ordem do Mérito Médico foi criada em 1950, pelo presidente Eurico Gaspar Dutra e modificada por decretos posteriores. Ela se destina “a médicos nacionais e estrangeiros que houverem prestado serviços notáveis ao país ou que se hajam distinguido no exercício da profissão ou no magistério de medicina ou sejam, autores de obras relevantes para os estudos médicos”.

Edimilson Montalti

ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS
FCM, UNICAMP

Aarão Mendes recebe medalha por trabalho com a saúde da mulher

Criado numa comunidade negra na cidade de Alagoas, MG, Aarão sempre manteve uma relação muito próxima com a cultura africana.

O professor Aarão Mendes Pinto Neto, do Departamento de Tocoginecologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp recebe no dia 26 de novembro de 2010, no Clube Semanal de Cultura Artística de Campinas, a medalha de mérito “Força da Raça”, por sua atenção e competência com a saúde da mulher. O prêmio é oferecido há 20 anos pelo grupo Força da Raça, entidade do movimento negro de Campinas fundada em abril de 1990 com o objetivo de lutar por igualdade de oportunidades para a população negra, principalmente nas áreas de educação e de desenvolvimento de ações de saúde. Já receberam a medalha a jogadora de basquete Magic Paula, o lutador de taekwondo Diogo Silva, o sambista Almir Guineto, a deputada federal Janete Pietá, o jogador de futebol Ronaldão, entre outros.

“Aarão foi indicado ao prêmio pelas mulheres negras da Unicamp e do Hospital da Mulher Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti (Caism). Temos nele um exemplo profissional, além da competência, o carinho e a atenção com as pacientes que sofrem grandes discriminações em vários locais de atendimento” disse Edna Almeida Lourenço, presidente do grupo Força da Raça e secretária de combate ao racismo da macrorregião de Campinas e região.

Criado numa comunidade negra na cidade de Alagoas, MG, Aarão sempre manteve uma relação muito próxima com a cultura africana. Seus padrinhos são negros e muitas de suas pacientes também. Seu

currículo é repleto de prêmios e homenagens, mas nenhuma delas o emociona tanto quanto a que recebeu em Campinas. “A cultura negra me fascina e esta medalha extrapola qualquer questão material. Para mim, tem um significado espiritual”, confidenciou Aarão.

Aarão Mendes Pinto Neto concluiu o doutorado em Tocoginecologia pela Universidade Estadual de Campinas em 1992. Atualmente é professor titular do Departamento de Tocoginecologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp e chefe do Departamento de Tocoginecologia. Publicou 147 artigos completos em periódicos especializados. Possui um livro publicado, 11 capítulos de livros, 23 manuais técnicos e outras publicações. Orientou quatro iniciações científicas, 20 dissertações de mestrado e co-orientou outras três. Orientou 13 teses de doutorado e co-orientou outras três na área de Medicina. Recebeu 34 prêmios e homenagens. Atua na área de medicina com ênfase em ginecologia e obstetrícia. Em seu currículo lattes, os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: menopausa, adolescência, adolescentes e câncer, anticoncepção, climatério, endométrio, aborto, osteoporose.

Edimilson Montalti

ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS
FCM, UNICAMP

EXPEDIENTE

Reitor

Prof. Dr. Fernando Ferreira Costa

Vice Reitor

Prof. Dr. Edgar Salvadori de Decca

Departamentos FCM

Diretor

Prof. Dr. Mario José Abdalla Saad

Diretora-associada

Profa. Dra. Rosa Inês Costa Pereira

Anatomia Patológica

Profa. Dra. Patrícia Sabino de Matos

Anestesiologia

Prof. Dr. Franklin S. Silva Braga

Cirurgia

Prof. Dr. Joaquim M. Bustorff Silva

Clínica Médica

Prof. Dr. Ibsen Bellini Coimbra

Enfermagem

Profa. Dra. Maria Isabel P. de Freitas

Farmacologia

Prof. Dr. Gilberto De Nucci

Genética Médica

Profa. Dra. Iscia Lopes Cendes

Medicina Prev. Social

Profa. Dra. Marilisa Berti de Barros

Neurologia

Prof. Dr. Fernando Cendes

Oftalmo/Otorrino

Prof. Dr. Reinaldo Jordão Gusmão

Ortopedia

Prof. Dr. Mauricio Etchebehere

Patologia Clínica

Profa. Dra. Helena V. Wolf Grotto

Pediatria

Prof. Dr. Gabriel Hessel

Psic. Médica e Psiquiatria

Prof. Dr. Paulo Dalgalarrodo

Radiologia

Prof. Dr. Nelson Márcio G. Caserta

Tocoginecologia

Prof. Dr. Aarão Mendes Pinto-Neto

Coord. Comissão de Pós-Graduação

Prof. Dr. José Barreto C. Carvalheira

Coord. Comissão Extensão e Ass. Comunitários

Prof. Dr. Otávio Rizzi Coelho

Coord. Comissão Ens. Residência Médica

Prof. Dr. Luiz Roberto Lopes

Coord. Comissão Ens. Graduação Medicina

Prof. Dr. Wilson Nadruz

Coord. do Curso de Graduação em Fonoaudiologia

Profa. Dra. Maria Francisca C. dos Santos

Coord. do Curso de Graduação em Enfermagem

Profa. Dra. Luciana de Lione Melo

Coord. do Curso de Graduação em Farmácia

Prof. Dr. Stephen Hyslop

Coord. Comissão de Aprimoramento

Profa. Dra. Maria Cecília M.P. Lima

Coord. Câmara de Pesquisa

Prof. Dr. Fernando Cendes

Coord. Núcleo de Medicina e Cirurgia Experimental

Prof. Dr. Fernando Cendes

Presidente da Comissão do Corpo Docente

Profa. Dra. Lilian Tereza Lavras Costallat

Coord. do Centro Estudos Pesquisa em Reabilitação (CEPRE)

Profa. Dra. Lucia Helena Reily

Coord. do Centro de Investigação em Pediatria (CIPED)

Prof. Dr. Gil Guerra Junior

Coord. do Centro de Controle de Intoxicações (CCI)

Prof. Dr. Fábio Bucarechi

Assistente Técnico de Unidade (ATU)

Carmen Sílvia dos Santos

Conselho Editorial

Prof. Dr. Mario José Abdalla Saad

História e Saúde

Prof. Dr. Antonio de A. Barros Filho

Prof. Dr. Sérgio Luiz Saboya Arruda

Tema do mês

Prof. Dr. José Barreto C. Carvalheira e

coordenadores das subcomissões de

Pós-Graduação

Bioética e Legislação

Profa. Dra. Carmem Bertuzzo

Prof. Dr. Flávio Cesar de Sá

Prof. Dr. Sebastião Araújo

Diretrizes e Condutas

Profa. Dra. Laura Sterian Ward

Ensino e Saúde

Prof. Dr. Wilson Nadruz

Profa. Dra. Maria Francisca C. dos Santos

Profa. Dra. Luciana de Lione Melo

Profa. Dra. Nelci Fenalti Hoehr

Saúde e Sociedade

Prof. Dr. Nelson Filipe de Barros

Prof. Dr. Everardo D. Nunes

Responsável

Renata Seixas B. Maia

Jornalista Edimilson Montalti MTB 12045

Equipe Edson Luis Vertu, Maria de Fátima do Espírito Santo, Rafael Gonzales, Sara Araújo Frede.

Projeto gráfico Ana Basaglia

Diagramação/Ilustração Emilton B. Oliveira,

Revisão: Anita Zimmermann

2.000 exemplares - distribuição gratuita

Sugestões: jornalrp@fcm.unicamp.br

Telefone (19) 3521-8049

O Boletim da FCM é uma publicação mensal da Assessoria de Relações Públicas da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Universidade